

O curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia: história, características, desafios e tendências contemporâneas

The museology course at the Federal University of Bahia: history, characteristics, challenges and contemporary trends

Sidélia Santos Teixeira*

Resumo: O presente texto aborda o histórico do curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pretende-se demonstrar que esse curso, ao longo da sua história, através da atuação dos seus docentes, buscou, por meio dos seus currículos, construir uma reflexão crítica sobre a memória e a importância da sua compreensão para a transformação do presente e projeção do futuro, numa perspectiva direcionada para uma Museologia de cunho social. Para tanto, apresentaremos a sua trajetória histórica, as principais características, para em seguida, indicarmos os seus desafios e tendências na contemporaneidade. Adotamos para a presente análise, fontes arquivísticas do referido curso, tais como: ofícios, atas, pareceres, relatórios de comissões de trabalho, documentos finais de congressos, programas das disciplinas e os fluxogramas. Fontes bibliográficas também foram trabalhadas, como artigos produzidos por professoras aposentadas, dissertações de mestrado e títulos sobre a cultura brasileira. A análise aponta para um processo contínuo de atualização dos componentes curriculares, articulado a construção e desenvolvimento do conhecimento museológico. Constata-se uma abordagem ampla e plural sobre as especificidades regionais, o patrimônio cultural, articulados à ideia de desenvolvimento integrado e sustentável.

Palavras-chave: Museologia. Formação. Universidade Federal da Bahia.

Abstract: This text addresses the history of the Museology course at the Federal University of Bahia (UFBA). It aims to demonstrate that this course, throughout its history, through the performance of its professors, has sought, through its curricula, to build a critical reflection on memory and the importance of its understanding for the transformation of the present and for projections of the future, in a perspective directed towards a Museology of a social nature. To do so, we will present its historical trajectory, the main characteristics, and then indicate its challenges and trends in contemporary times. We adopted for the present analysis, archival sources of the referred course, such as: official letters, minutes, opinions, reports of work committees, final documents of congresses, programs of the disciplines and the flowcharts. Bibliographic sources were also used, such as articles produced by retired teachers, master's dissertations and titles on Brazilian culture. The analysis points to a continuous process of updating the curricular components, articulated with the construction and development of museological knowledge. There is a broad and plural approach to regional specificities, cultural heritage, linked to the Idea of integrated and sustainable development.

Key-words: Museology. Training. Federal University of Bahia.

Introdução

Diante dos graves e complexos problemas do mundo atual, as nações são desafiadas a defenderem a paz, a democracia, o meio ambiente e a sobrevivência do

* Graduada em Museologia pela Universidade Federal da Bahia, mestre em Muséologie et Mediation Culturelle pela Université D'Avignon e doutora em Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra. É professora (associada) do Departamento de Museologia da Universidade Federal da Bahia. Atua principalmente nas áreas de teoria museológica, ação cultural e educativa dos museus e gestão museológica. sideliat@yahoo.com.br

homem na terra. Nesse cenário, os docentes dos cursos universitários possuem um papel importante, na construção de processos de formação, vinculados, sobretudo a preservação da vida. De maneira geral, a participação dos cientistas é muito bem-vinda e necessária na busca por soluções dignas para a preservação do meio ambiente e das culturas, e todas as áreas científicas podem aportar contribuições.

Nessa linha de discussão, afirma o historiador e sociólogo francês François Dosse (FRANCE CULTURE, 2018) que os principais papéis dos intelectuais no mundo moderno são: 1. distinguir a história da memória; 2. aprofundar a democracia e 3. abrir perspectivas para o futuro, em direção a um projeto de emancipação. Assim, destacamos que a Museologia, como campo que se ocupa, principalmente, da proteção, valorização, divulgação e apropriação da memória, apresenta uma condição estratégica diante das tribulações contemporâneas.

Os atuais estudos museológicos têm aportado elementos para a compreensão das relações de poder nos processos de proteção patrimonial, fornecendo dados para o entendimento e as diferenças entre memória e história, para a seleção dos bens culturais, de forma democrática e participativa, considerando a diversidade sociocultural das sociedades, e, principalmente, para a compreensão da importância da memória e do patrimônio para a construção de perspectivas de desenvolvimento de cunho sustentável. Nesse sentido, essas reflexões deveriam ser mais exploradas e consideradas no planejamento e na execução das políticas públicas de educação e cultura. Além disso, os profissionais museólogos têm sido preparados para compreender a memória como instrumento de transformação do presente e projeção do futuro. Veremos, a seguir, a partir do exemplo do curso de Museologia da Bahia, como esse aspecto tem sido tratado, ao longo da sua história.

Nessa linha de discussão, apresentaremos uma análise sobre o histórico do curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), procurando demonstrar que, ao longo da sua existência, os docentes desse curso objetivaram, através de “constantes” reformas curriculares¹, atualizar seus conteúdos, buscando sintonizá-los com os avanços da construção do conhecimento museológico, numa linha articulada com os estudos sobre a complexidade e heterogeneidade das sociedades e a partir de uma abordagem multidisciplinar. Para tanto, além da sua trajetória histórica, analisaremos as suas principais características, para em seguida, indicarmos alguns dos seus desafios e tendências na contemporaneidade.

¹ O curso de Museologia da Universidade Federal foi criado no ano de 1969 e instalado no ano de 1970, desde a sua criação passou por quatro reformas curriculares.

Adotamos, para a presente análise, algumas fontes arquivísticas do referido curso tais como: ofícios, pareceres, atas, relatórios de comissões de trabalho, documentos finais de congressos, programas dos componentes curriculares e os quadros curriculares. Algumas fontes bibliográficas também foram trabalhadas, como artigos produzidos por professoras aposentadas, dissertações de mestrado e títulos sobre a cultura brasileira.

2. Integração nacional e bens culturais

O curso de Museologia da UFBA foi criado em 1969 e começou a funcionar no ano de 1970, constituindo-se como o primeiro das regiões Norte e Nordeste do Brasil², portanto, influenciado pela reforma educacional de 1968, que além do controle das universidades públicas brasileiras, também visava estimular a formação de mão de obra para a economia. Analisando as estratégias políticas no campo da cultura no Brasil, no período de 1960 e 1970, e a questão da segurança nacional, afirma Ortiz (1999) que:

[...] essa ideologia concebe o Estado como uma entidade política que detém o monopólio da coerção, isto é, a faculdade de impor, inclusive pelo emprego da força, as normas de conduta a serem obedecidas por todos. Trata-se também de um Estado que é percebido como o centro nevrálgico de todas as atividades sociais relevantes em termos políticos, daí uma preocupação constante com a questão da “integração nacional”. Uma vez que a sociedade é formada por partes diferenciadas, é necessário pensar uma instância que integre, a partir de um centro, a diversidade social. (ORTIZ, 1999, p.115)

O autor acima analisa o papel do Estado durante o período do Governo Militar no Brasil, salientando que um dos seus objetivos era integrar a diversa Nação Brasileira. Observa-se, portanto, ainda nos anos de 1960 e 1970, um contexto de desenvolvimento econômico, vinculado a um governo ditatorial, com uma preocupação de articular, integrar e construir a identidade da nação brasileira por meio do patrimônio cultural, com o apoio de intelectuais brasileiros³.

Com efeito, Oliveira (2019) aponta que, para a criação do curso de Museologia da Bahia, contou-se com o apoio de alguns intelectuais, como Rodrigo Melo Franco de Andrade, Valentin Rafael SimónJoaquín Calderón de La Vara e Batista Neves. Vale a

² Assim como a graduação, o Programa de Pós-Graduação em Museologia da UFBA (PPGMUSEU) também se constituiu como o primeiro das regiões Norte e Nordeste do país, tendo sido criado no ano de 2013. Esse fato indica o pioneirismo da UFBA na área nessas regiões do Brasil.

³ Para maiores detalhes sobre a participação dos intelectuais brasileiros no processo de preservação do patrimônio no Brasil, consultar Chuva (2009).

pena destacar alguns trechos do discurso de Rodrigo Melo Franco de Andrade intitulado “O Patrimônio Histórico e Artístico e a Missão da Universidade”, no ano de 1963, que reforçava a importância de uma formação museológica universitária qualificada, e suas articulações com outras áreas científicas para viabilizar a criação desses cursos. Assim, Andrade (1963) indica os seguintes aspectos sobre a formação do museologista⁴:

[...] Entre estas uma das mais relevantes se relaciona com as atribuições das universidades: é a da formação dos museologistas no Brasil. Peço permissão para rogar, para seus aspectos principais, a benévola atenção do magnífico reitor e do egrégio Conselho Universitário.

[...] com a simples introdução de mais algumas poucas disciplinas, utilizar os cursos universitários existentes para formação dos museologistas licenciados, de cuja falta nosso meio já se ressentia e cada vez mais se ressentirá. Com as matérias ministradas nos cursos de belas artes e de arquitetura, nos de ciências, de história e sociologia, acrescidas das disciplinas novas do campo da museografia, a viabilidade e o proveito do concurso das universidades para o fim pretendido me parecem indubitáveis. Os órgãos competentes da Universidade da Bahia saberão, porém, muito melhor que eu, como planejar e efetivar a formação plenamente satisfatória dos especialistas desejados.

[...] Ninguém melhor, no território brasileiro, do que os mestres universitários da Bahia poderá ensinar que o desenvolvimento feito à custa e com o sacrifício de valores genuínos insubstituíveis não é progresso verdadeiro, mas demonstração de atraso e inconsciência. (ANDRADE, 1963, p.5)

Podemos compreender que o discurso do mestre Rodrigo Melo Franco de Andrade apresenta a Museologia como um campo universitário importante, estratégico e articulado ao desenvolvimento. Esse autor indica o cuidado que precisamos ter em relação a processos desenvolvimentistas, entendidos como progresso, que destroem e sacrificam as nossas referências culturais. Fica evidente, na fala deste intelectual, o receio da perda do nosso patrimônio e a esperança nos docentes universitários, no sentido de que esses possam formar profissionais com uma mentalidade que articula desenvolvimento e preservação cultural, sinônimos do verdadeiro progresso, de acordo com esse intelectual brasileiro.

É esse quadro político, econômico e intelectual nacional que dá suporte à criação de um curso de Museologia, numa Universidade Federal, na região Nordeste do país. O curso de Museologia da Bahia nasceu, portanto, atrelado a uma política

⁴ Termo utilizado por Rodrigo Melo Franco de Andrade para se referir ao profissional que desenvolve atividades nos museus. Refere-se ao profissional que se ocupa dos museus, condizente com a concepção de Museologia da época, voltada para a instituição museu.

universitária centralizadora, no âmago do desenvolvimento industrial e turístico do nordeste brasileiro e associado à necessidade do Estado de estimular práticas de integração nacional por meio dos bens culturais. A seguir, examinaremos os currículos e as tendências, em termos de formação, adotadas pelo curso de Museologia da Bahia, ao longo da sua existência, que também revelam pensamentos científicos dessa área.

2.1- Museologia: conjunto de técnicas auxiliares de outras ciências

O curso de Museologia da UFBA foi criado com base no Parecer nº 971/69 (BRASIL, 1969) e na Resolução nº14, de 27 de fevereiro de 1970, do Conselho Federal de Educação (BRASIL, 1970), que estabelecia as normas para implantação dessa formação no Brasil. Começou a funcionar por sugestão do historiador e arqueólogo Prof. Valentin Rafael Simón Joaquim Calderón de La Vara (Figura 1), que também foi o seu primeiro coordenador. Simões (1990) considera que a participação dos professores Calderón e Batista Neves no processo de criação do curso de Museologia da UFBA foram destacáveis, assinalando essa questão da seguinte forma: “Valentim Calderón e Batista Neves, somando esforços e emprestando prestígios pessoais, com igual tirocínio – lograram trazê-lo para a faculdade, onde, superando percalços, obteve singular desenvolvimento” (SIMÕES, 1990, p.87).



Figura 1 – Valentin Rafael Simón Joaquim Calderón de La Vara. Fonte: Boletim Informativo do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/UFBA). Edição 30 anos do MAE/UFBA (2013, p.3). Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/18509/1/Ed6.Ago2013-Jan2014_Boletim_Informativo_MAE-UFBA.pdf. Acesso em: 15 jun. 2022.

A faculdade a que se refere o Prof. Simões na sua fala acima, é a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH – Figura 2). Entretanto, havia uma tendência apontada, desde o Simpósio Pró-Reformulação do Ensino das Artes, realizado no ano de 1967, de que a Escola de Belas Artes da UFBA deveria acolher o curso de Museologia. Tudo indica que a formação do Prof. Calderón, sua vinculação funcional ao Departamento de História e as tendências indicadas por Rodrigo Melo Franco de Andrade em relação a formação do profissional museólogo, com base no apoio das Ciências Humanas, conforme apresentamos anteriormente, devem ter contribuído e influenciado a decisão dos responsáveis pelo processo de instalação do novo curso⁵ como órgão Colegiado na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, vinculado ao Departamento de História. As Figuras 2, 3 e 4 indicam os espaços de funcionamento do curso de Museologia da UFBA, ao longo da sua história.



Figura 2 - Primeiro prédio da Faculdade em Salvador no bairro de Nazaré, [19--]. Fonte: Acervo pessoal da Prof^a Maria Célia T. Moura Santos.

⁵ Consideramos que essa questão precisa ser melhor investigada.



Figura 3 – Em 1º de maio de 1970, o curso de Filosofia da UFBA é transferido do bairro de Nazaré para o antigo prédio da Faculdade de Medicina, no bairro de Terreiro de Jesus, local onde funcionou o 1º semestre do curso de Museologia. Fonte: Antiga Faculdade de Medicina (GÓIS, 2012). Disponível em: <http://maisdesalvador.blogspot.com/2012/04/faculdade-de-medicina.html>. Acesso em: 27 jul. 2022.



Figura 4 – Espaço atual de funcionamento da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/curso de Museologia⁶. Fonte: Mapeamento Cultural UFBA (UFBA, 2022). Disponível em: <https://mapeamentocultural.ufba.br/escolas-cursos-arte/faculdade-de-filosofia-e-ciencias-humanas>. Acesso em: 13 jun. 2022.

⁶ Trata-se de um espaço, localizado no bairro da Federação, com área verde e bela vista para o mar, em área nobre da cidade do Salvador, de forte especulação imobiliária. Esse local dispõe de um casarão do século XIX, como indica a Figura 4, onde funciona a diretoria e as coordenações de alguns cursos. Além disso, a FFCH dispõe de dois pavilhões de aulas, uma biblioteca e alguns órgãos complementares, como o Centro de Estudos Afro-Orientais, Centro de Estudos e Pesquisas em Humanidades e o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher. É comum comentários como: “trata-se do local mais bonito da Universidade Federal da Bahia”. Antes de funcionar nesse espaço, a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas situava-se no bairro de Nazaré, no centro da cidade do Salvador.

O primeiro currículo do curso de Museologia da UFBA apresentava uma carga horária total de 2.880 horas, o período mínimo de formação era de três anos e o máximo de cinco anos. Disponibilizava duas habilitações, de acordo com o Parecer nº 971/69 (BRASIL, 1969), que determinava três habilitações para os cursos de Museologia – museus de arte, museus de história e museus escolares e polivalentes⁷.

O curso da Bahia oferecia duas habilitações – museus de arte e museus de história – e boa parte dos componentes curriculares eram ofertados na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas⁸, pelos Departamentos de História, Sociologia, Filosofia, Psicologia e Antropologia. Além da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, os estudantes também tinham aulas no Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia (MAS-UFBA) (Figura 5).



Figura 5 – Fachada principal do Museu de Arte Sacra da UFBA. Fonte: Museu de Arte Sacra da UFBA (Salvador), [2007?]. Disponível em: <http://wikimapia.org/2009622/pt/Museu-de-Arte-Sacra-da-UFBA>. Acesso em: 14 jun. 2022.

A administração do curso ficou à cargo do Departamento de História, conforme já dito, e os componentes curriculares museológicos técnicos, no início, foram ministrados por um professor graduado pelo curso de Museus do Museu Histórico Nacional – Prof. Luiz Fernando Fernandes Ribeiro (Figura 6 - A), que ministrou as

⁷ Seria interessante pesquisar sobre o processo de inserção da habilitação em museus escolares e polivalentes no referido Parecer.

⁸ A Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, desde a sua origem, funciona como uma mini universidade, ou seja, agrega vários cursos, como Antropologia, Ciência Política, História, Filosofia e Museologia.

disciplinas Técnica de Museu II (Documentação), Técnica de Museu III (Museu e Educação) e Estágio II e III. A Prof. Jacyra Oswald (Figura 6 - B), da Escola de Belas Artes da UFBA, ministrou os componentes Técnica de Museu I (Montagem de Exposição) e Estágio I.



Figura 6 – A - Prof. Luiz Fernando Fernandes Ribeiro. Fonte: Dossiê histórico-funcional. UFBA, 1970. Acervo da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Arquivo). B - Prof.ª Jacyra Oswald. Fonte: Catálogo da exposição: Mulheres em movimento. Escola de Belas Artes da UFBA/Galeria Cañizares. 2007.

Posteriormente à formação da primeira turma do curso de Museologia da UFBA (Figura 7 - A), duas museólogas desse grupo – Sylvia Athayde e Maria Célia T. Moura Santos (Figura 7 B e C) – foram contratadas para ministrar os componentes curriculares museológicos.



Figura 7 – A - Formatura da primeira turma do Curso de Museologia da UFBA, no ano de 1974. Fonte: Acervo pessoal da Prof.ª Maria Célia T. Moura Santos. B e C - Prof.ª Sylvia Athayde e Prof.ª Maria Célia T. Moura Santos. Fonte: Dossiê histórico-funcional. UFBA, 1974. Acervo da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Arquivo).

Em seguida, ingressaram também como docentes os seguintes ex-alunos do curso de Museologia: Antônio Oliveira Rios, Valdete Celino Paranhos e Oswaldo Gouveia Ribeiro (Figura 8). Esses docentes constituíram a primeira geração responsável pela formação museológica do curso de Museologia da UFBA.



Figura 8 – A - Prof. Antônio Oliveira Rios, 1982. B - Valdete Celino Paranhos, 1980. C - Prof. Oswaldo Gouveia Ribeiro, 1980. Fonte: Dossiê histórico-funcional. UFBA. Acervo da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Arquivo).

A partir da análise desse primeiro currículo, constata-se uma carga horária significativa na área de arte, fato esse que revela uma visão própria do período histórico, voltada para a valorização dos aspectos estéticos em torno dos bens culturais. Além disso, percebe-se que a formação estava direcionada para a atuação técnica nos museus, principalmente, nas áreas de documentação, conservação e exposição. Com efeito, abordando essa questão, Guarnieri (BRUNO; ARAÚJO; COUTINHO, 2010, p.112) coloca que: “Através dos tempos e mundialmente, a prática museal tem sido anterior à reflexão, à teorização, e, finalmente, à formação profissional museológica. “Ainda em relação ao primeiro currículo, Santos (1993), analisando a sua formação, pontua também sobre a perspectiva factual e a ênfase no passado na abordagem em torno dos bens culturais, afirmando que:

Os conhecimentos adquiridos, àquela época, passavam uma visão linear da História e, conseqüentemente, ao atuarmos no Curso de Museologia, fazendo parte do seu corpo docente, os projetos por nós desenvolvidos inicialmente, em muitos momentos, refletiam não só a linearidade, como também uma visão saudosista de patrimônio e do seu processo de preservação. (SANTOS, 1993, p.112)

Não obstante, o fato de estar inserido no quadro da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, centro do debate nas áreas das ciências sociais, na Bahia, pode ter contribuído para uma discussão provocadora, que teria auxiliado, mesmo que de forma genérica, uma reflexão geral sobre a realidade social, impulsionando o debate museológico, junto ao seu corpo docente e discente, em torno de algumas noções, tais como: sociedade, cultura, memória e participação. Noções essas fundamentais para estimular a valorização dos museus nordestinos e a necessidade de participação ativa dos profissionais dessa área, na busca e construção de melhorias culturais, junto à sociedade e aos poderes públicos.

É isso que se observa, por exemplo, a partir da realização de um Seminário de Museologia, no ano de 1972, que contou com a presença de quatorze museus do Estado da Bahia e 54 da região Nordeste. Ainda nessa linha, em 1974, as museólogas graduadas na primeira turma do curso de Museologia da Bahia – Maria Célia T. Moura Santos, Neuza Borja e Valdete Celino Paranhos realizaram o primeiro estudo de público do Museu de Arte Sacra da UFBA, visando coletar dados para o planejamento de atividades junto aos visitantes desse museu. De 1974 a 1979, foram realizados vários projetos com alunos e professores das redes estadual e particular de ensino no Museu de Arte Sacra da UFBA, bem como programações de cursos, exposições temporárias, debates com funcionários do Museu, encontros com professores, todos envolvendo os alunos do curso de Museologia, atendendo às demandas apresentadas nos relatórios da pesquisa de público e dos projetos desenvolvidos com alunos e professores. Essas ações viriam a contribuir para a criação do primeiro setor educativo em museus do Estado da Bahia, no Museu de Arte Sacra da UFBA. Acrescenta-se ainda a essas iniciativas a criação da Associação de Museólogos da Bahia (AMB) e o movimento em prol da manutenção do curso no vestibular no ano de 1978 (SANTOS, 2019).

Além disso, diante da retirada do curso do vestibular e a ameaça de seu fechamento no ano de 1978, sob o argumento da falta de mercado para o profissional museólogo, foi produzida uma mobilização com a participação dos estudantes, apoio da mídia local, de alguns políticos e intelectuais e o curso voltou a constar no vestibular (SANTOS, 2019). Tudo isso contribuiu para que Guarnieri (BRUNO; ARAÚJO; COUTINHO, 2010) apresentasse a seguinte observação sobre o curso de Museologia da UFBA: “[...] reconhecido em 1979, não apenas representa a vitória de um grupo unido e consciente de professores e alunos, mas também assinala a adoção

inovadora de um currículo voltado para a realidade social e regional.” (BRUNO; ARAÚJO; COUTINHO, 2010, p.228)

De fato, desde o primeiro currículo, observa-se a presença de conteúdos programáticos obrigatórios, voltados para a cultura brasileira e cultura baiana, de forma mais específica. Em 1979, o curso de Museologia passou pela primeira reforma curricular, com o objetivo de ampliar a carga horária dos componentes curriculares específicos da área museológica. Além disso, verifica-se a mudança da terminologia Técnica de Museu III para Ação Educativa dos Museus. Destaca-se ainda nesse mesmo ano, por meio do Decreto 83.327, de 16 de abril de 1979 (BRASIL, 1979), o reconhecimento do curso pelo Conselho Federal de Educação.

Como forma de aprofundarmos, ainda que de forma breve, aspectos relacionados aos processos de reflexão sobre a História, Memória e Democracia, conforme pontuamos no início deste texto, e a presença dessas noções no currículo do curso, destacaremos aqui o programa do componente curricular Técnica de Museu III. Esse programa contemplava conteúdos voltados para as definições de bem cultural, política cultural no Brasil, o papel social do museu, ação educativa dos museus e a metodologia do trabalho envolvendo museu e comunidade. Tais temas, abordados nas décadas de 1970 e 1980, indicam uma tendência em torno de uma abordagem social, no sentido de aprofundar aspectos críticos sobre as iniciativas de proteção patrimonial no Brasil, a distância entre os bens culturais preservados e a diversidade sociocultural brasileira. Abordam, portanto, as diferenças entre memória e história, bem como a importância dos processos preservacionistas para a compreensão do passado em interação com o presente. Nesse componente curricular, observa-se ainda a discussão sobre a política educacional brasileira, a dimensão pedagógica do museu e a utilização do objeto e da manifestação cultural como recursos didáticos⁹. Além disso, revela uma atualização sobre os estudos museológicos mundiais, apontando, já nesse período, uma tendência para a discussão sobre a Museologia como ciência e seus aspectos interdisciplinares, que será posteriormente ampliada na próxima reforma curricular, conforme veremos adiante.

⁹ Objeto e manifestação cultural são expressões contidas no programa da disciplina, indicando já uma tendência em relação à discussão do patrimônio cultural de forma mais ampla e diversa. Veremos mais adiante que a noção de patrimônio cultural será trabalhada de forma mais detalhada com a criação da disciplina Introdução à Museologia, no currículo de 1989.

3. A segunda reforma curricular – aspectos sobre o pensar e o fazer museológico

Asegundareformacurricular foi implantada no ano de 1989, já influenciada pelas ideias em torno da democratização da cultura, os conhecimentos produzidos pelo *International Council of Museums (ICOM¹⁰)*/*International Committee for Museology (ICOFOM¹¹)* e o suporte jurídico, advindo da Lei nº 7.287 de 18 de dezembro de 1984 (BRASIL, 1984) que regulamentava a profissão de museólogo no Brasil. O resultado desta reforma estava, portanto, relacionado aos movimentos internacionais na área dos museus, especialmente na América Latina, que apontava para uma noção ampla e diversa de patrimônio, bem como para novas tipologias museais, operacionalizadas com base na participação comunitária, como os ecomuseus.

Esse currículo foi montado a partir de um processo de avaliação, realizado durante um seminário no ano de 1987, que envolveu os corpos docente, discente e ex-alunos que estavam atuando no mercado de trabalho. Durante o evento, os participantes debateram sobre o perfil profissional, a área de atuação, os avanços museológicos e o papel dos museus nas sociedades (UFBA, 1995). Sobre o referido evento, constata-se que procurou responder às conquistas no campo da produção de conhecimentos científicos, sob a égide do pensamento da Museologia Social, gestada no movimento denominado Nova Museologia (RIOS, 1997). Com efeito, a reforma curricular de 1989 foi influenciada por importantes documentos, advindos de encontros internacionais que marcaram o movimento da Nova Museologia, a exemplo da Carta de Santiago do Chile, de 1972, com o fito de responder e incorporar questões geradas pelo quadro repressor da América Latina, com países então sob ditaduras. Destaca-se ainda a Carta de Quebec, de 1984, que apontava a necessidade de que a museologia se ocupasse mais de questões sociais (UFBA, 2010).

Nesse sentido, observa-se a retirada da terminologia Técnicas de Museu, cujos conteúdos passaram a ser contemplados nos componentes curriculares denominados FCH337 – Classificação e Documentação; FCH338 – Introdução à Conservação; FCH340 – Museografia I; FCH341 – Museografia II e FCH342 – Ação Cultural e Educativa dos Museus. Em relação a esse último, observa-se a influência de Paulo Freire e a intensificação do debate em relação à compreensão do processo de preservação da memória como instrumento de cidadania, como bem registra Santos (2022), a seguir:

¹⁰*International Council of Museums (ICOM)* - Conselho Internacional de Museus.

¹¹*International Committee for Museology (ICOFOM)* - Comitê Internacional de Museologia.

Em relação ao início da caminhada na docência em Museologia, destaco a importância do encontro com os livros *Extensão e Comunicação e Educação e Mudança de autoria* de Paulo Freire. A partir dessas duas publicações, pude me fortalecer para vencer o tecnicismo, para transformar as ações até então desenvolvidas nos setores educativos dos museus. Penso que um registro importante é o de termos conseguido mudar o nome da disciplina que ministrava de Técnica de Museus III para Ação Educativa dos Museus e, posteriormente, para Ação Cultural e Educativa dos Museus. Percebemos que era preciso transformar a extensão em ação, por meio do diálogo, da leitura compartilhada do mundo, do patrimônio cultural de cada indivíduo e dos acervos dos museus. Percebemos, também, que poderíamos superar as marcas do passado em nossas vidas. Possibilitando um novo olhar sobre a cultura e sobre o patrimônio cultural, em seu processo de transformação, compreendendo a História como possibilidade e não como determinação, como ressalta nosso mestre. (SANTOS, 2022, p.4)

Implantou-se o componente curricular FCH334 – Introdução à Museologia que passou a contemplar as noções de patrimônio cultural, identidade cultural e preservação. Os conteúdos sobre a Museologia como disciplina científica foram remanejados do componente curricular Técnica de Museus III para fazerem parte do componente FCH334 – Introdução à Museologia, assumindo-se, portanto, a necessidade de um delineamento do campo museológico. Constata-se ainda, a inserção da disciplina FCH339 – Metodologia Científica, visando dotar os alunos de uma reflexão filosófica sobre a ciência e os pré-requisitos lógicos do trabalho científico.

Nesse sentido, analisa Costa (2009) que essa reforma produziu um movimento, no processo de formação profissional, em direção ao estudo da realidade social, na medida em que as discussões sobre patrimônio se voltaram ainda mais para a análise da relação entre os sujeitos sociais e os bens culturais. A reforma curricular de 1989 objetivou uma formação museológica mais provocadora em torno do patrimônio e a realidade nordestina. No campo da ação cultural e educativa dos museus, observou-se uma discussão em torno do processo museológico como educativo e comunicativo, considerando o patrimônio como ferramenta educacional transformadora e instrumento de cidadania.

Destaca-se ainda no mesmo período, a substituição do componente curricular História da África pelo componente FCH044 – Laboratório de Cultura Material Africana, em função da dificuldade de oferta por falta de professor no Departamento de História. Entretanto, a inserção da disciplina Laboratório de Cultura Material Africana no currículo do curso de Museologia acabou viabilizando uma discussão sobre o patrimônio afro-brasileiro, de maneira geral.

Numa direção paralela e visando a afirmação do campo museológico de forma mais independente, vale a pena destacar a conquista do curso de Museologia da Bahia, na UFBA, a partir de sua desvinculação do Departamento de História e a criação do Departamento de Museologia na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, no ano de 1991 (ISOLAN, 2017).

Em 1996, uma comissão constituída pelas professoras Maria Célia Santos e Rosana Nascimento apresentou proposta de reforma do currículo do curso de graduação em Museologia, argumentando que ao longo do processo histórico, observou-se, a partir da integração entre pesquisa, ensino e extensão, ou seja, da relação entre teoria e prática, realizada em diversos projetos, que a prática no museu se relacionava às diversas áreas de atuação. Destaca-se, no projeto, os avanços ocorridos no processo museológico, a ampliação do campo de atuação do profissional no mercado de trabalho e do próprio objeto de estudo da Museologia. A partir da estrutura curricular sugerida, foi apresentado também um quadro síntese do perfil profissional do museólogo (UFBA, 1996). O trabalho desta comissão foi discutido por docentes, discentes e profissionais da área que participaram do VI Seminário de Integração Curso de Museologia/Museus da Cidade do Salvador. Tal proposta subsidiou a terceira reforma curricular, que deu origem ao fluxograma do ano de 2007, ainda baseado em duas habilitações: museus de arte e museus de história, embora também tenha sido proposto pela referida comissão a criação da habilitação em museus escolares, que não pôde ser implantada, principalmente em decorrência do número reduzido de docentes vinculados ao Departamento de Museologia.

No início da década de 2000, os docentes começaram a se organizar para formação dos grupos de pesquisa junto ao CNPq. A partir desse movimento surgem o Grupo de Estudos sobre Museologia (GREM), Grupo de Estudos em Museologia, Museus e Monumentos, que atua em parceria solidária com o Núcleo de Estudos, Ensino e Extensão em Arquitetura e Urbanismo (NEPAUR) da Universidade Salvador (UNIFACS), com a Universidade Nova de Lisboa, com o Observatório da Museologia Baiana (OBM) a partir de 2006, e com o Grupo de Estudos sobre os Ex-votos (GREC). O OBM possuía três linhas de Pesquisa – História da Museologia Baiana; Museologia e Memória Afro-Brasileira e MUSEUTERMO – com os seguintes objetivos: 1. Pesquisar a trajetória de instituições voltadas a questões sobre o patrimônio cultural material e imaterial, a exemplo dos museus e seus gestores, colecionadores e suas coleções, envolvendo as políticas culturais e de preservação na Bahia; 2. Investigar a relação dos processos museológicos e as manifestações de memórias identitárias

afro-brasileiras; 3. Analisar vínculos entre a Museologia e a Ciência da Informação¹². O GREC estuda a memória social em dimensão mundial, através do ciberespaço e com o advento das mídias locativas. Atualmente, esse grupo vem estudando a democratização dos acervos dos museus e de outras fontes do patrimônio cultural, verificando a possibilidade de integração entre os sistemas *ciber* e presencial. Volta-se também para o apoio nas pesquisas do campo da folkcomunicação, diante das análises das salas de milagres dos santuários católicos brasileiros, no Projeto Ex-votos do Brasil.

Na década de 1990, a discussão sobre a necessidade de alteração do Parecer 971/69 já era frequente. Ponderava-se que, diante das transformações museológicas vigentes, era necessário viabilizar o processo de formação museológica a partir de novas bases. Por deliberação do Ministério da Educação, a Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFBA encaminhou, no ano de 1998, ofício circular solicitando propostas de diretrizes curriculares para o curso de Museologia, de acordo com o Parecer 776/97 (BRASIL, 1997) do Conselho Nacional de Educação (CNE). O Colegiado e o Departamento de Museologia apreciaram e deliberaram sobre as diretrizes curriculares, de acordo com o Edital nº 4 de 10/12/1997 do Ministério da Educação e do Desporto (BRASIL, 1997) e o Parecer 776/97 do CNE, sugerindo que, tendo em vista as constantes transformações sociais e o desenvolvimento da Museologia enquanto campo do conhecimento científico, seria importante a implantação do curso a nível de licenciatura e bacharelado (UFBA, 1998). Assim, o currículo de 2011 foi montado com base na Resolução CNE/CES nº 21 de 13 de março de 2002 (BRASIL, 2002), em nível de bacharelado e será detalhado no próximo item desse trabalho.

4. A terceira reforma curricular – interdisciplinaridade e pesquisa

O currículo de 2011 é marcado pela inserção da Museologia no campo das Ciências Sociais¹³ no Brasil, verificando-se a necessidade de aprofundar as habilidades do museólogo para a prática da investigação científica, seguindo novamente a discussão teórico-conceitual em torno do museu e da museologia, expressa principalmente nos documentos internacionais da área, que refletem as

¹²O OBM funcionou até o ano de 2022.

¹³ A criação dos programas de pós-graduação em Museologia no Brasil ocorre na década de 2000. O programa de Museologia e Patrimônio é criado em 2006 na UNIRIO e no MAST (Museu de Astronomia e Ciências Afins); O programa de Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia é criado em 2014 no MAST; o programa de Museologia é criado em 2012 na USP; o programa de Museologia da UFBA, em 2013. Para além disso, são criados os programas de Arte, Patrimônio e Museologia da UFPI e o de Museologia e Patrimônio da UFRGS (COSTA, 2020).

mutações nesse campo. Nas décadas de 1990 e 2000, vale notar a crescente produção bibliográfica nacional disseminada através de revistas impressas ou virtuais. No plano internacional, constata-se o surgimento de editoras com títulos específicos em Museologia e Patrimônio, uma série em Gestão Cultural, além de publicações em periódicos há muito consagrados¹⁴. De maneira geral, o discurso internacional¹⁵ sobre a Museologia reflete e retrata o conhecimento da prática para a teoria e vice-versa, como dito anteriormente. Ampliando essa discussão afirma Guarnieri (BRUNO; ARAÚJO; COUTINHO, 2010) que:

Ao longo dessa prática, o conjunto das técnicas descritivas tem se transformado em conhecimento científico. O conceito de Museologia foi elucidado, enriquecido e tornado mais amplo.

A formação que, até tempos recentes, cuidava da transmissão de técnicas muitas vezes de maneira simplesmente descritiva, enriqueceu-se com a sistematização científica e a metodologia interdisciplinar. (BRUNO; ARAÚJO; COUTINHO, 2010, p.253)

As reformas do curso de Museologia aqui analisadas, acompanharam essa tendência museológica internacional e nacional, procurando incorporar princípios de experiências inovadoras sem ter neles modelos fechados, como bem cabe a uma ciência social – e não somente às ciências aplicadas – e como foi feito a partir da primeira reforma do curso de Museologia da UFBA, conforme demonstramos desde o início desse texto.

Dessa forma, em 2010, elaborou-se, um currículo que almejava capacitar o futuro museólogo para o desenvolvimento dos processos de investigação, preservação e comunicação do Patrimônio Cultural. Objetivava preparar os alunos para a prática da pesquisa, estimulando-os também para a continuidade de uma formação museológica acadêmica no âmbito da pós-graduação. Para tanto, estruturou-se o projeto pedagógico com base numa visão interdisciplinar, contemplando conteúdos museológicos mais específicos, além de abordagens sociológicas e antropológicas de cultura, a partir da centralidade dos conceitos de patrimônio material e imaterial, de uma definição ampla e plural de museu, da conceituação da musealização e do aprofundamento teórico de conceitos ligados às novas tecnologias. Esse currículo visou ampliar o enfoque voltado para práticas de articulação e integração com o

¹⁴ Cita-se, na Espanha, as Edições TREA e S. L., e dentre os periódicos, *Museum International* (Unesco) e *Museum Management and Curatorship* (Inglaterra), disponibilizados no Portal de Periódicos da CAPES. Cita-se também outros títulos da base de dados PROQUEST.

¹⁵ Através do ICOM e de inúmeras outras associações em diversos países, a exemplo de *American Association of Museums*, *Société des Musées du Québec* (SMQ), *Musées e société*, entre outras. Além de Universidades com cursos de Museologia e Patrimônio e o Fórum da UNESCO – Universidade e Patrimônio.

público e com diferentes comunidades, a democratização das informações contidas nos bens culturais, entendidos na sua relação com os respectivos contextos de produção e de apropriação. Neste sentido, é entendido pelos docentes do curso de Museologia que a formação do profissional museólogo deve levá-lo, principalmente, a assumir seu papel na articulação e na expressão das diversas identidades socioculturais (UFBA, 2010). A seguir, veremos mais detalhadamente, como se apresentam as principais características desta formação museológica, que continua vigente no curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia.

4.1 - As principais características, desafios e tendências do curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia

Atualmente, as bases legais para os cursos de Museologia estão no Parecer CNE/CES 492/2001 (BRASIL, 2001), aprovado em 3 de abril de 2001, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais e na Resolução CNE/CES nº 21, de 13 de março de 2002 que indica as linhas do projeto pedagógico para os cursos de Museologia. O currículo atual do curso de Museologia da UFBA contempla uma formação de 2.514 horas, sendo 2006 horas de carga horária obrigatória, 408 horas de carga horária optativa e 100 horas de atividades complementares. O curso é diurno, está organizado em sete semestres e possui a duração mínima de três anos e meio, e máxima de seis anos, oferecendo 32 vagas anuais, por meio do Sistema de Seleção Unificada (SISU). São oferecidas vagas para imigrantes, indígenas, quilombolas, transgêneros e pessoas com deficiência.

Os discentes podem contar com bolsas de iniciação científica (PIBIC), disponibilizadas pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, e bolsas da Pró-Reitoria de Extensão, ambas mediante processo seletivo e vinculadas aos projetos de pesquisa e extensão dos docentes. Além disso, os museus e núcleos de memória da UFBA, anualmente, oferecem bolsas para os estudantes do curso de Museologia. Através da Pró-Reitoria de Assistência Estudantil, os alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica podem obter auxílios para a realização da sua formação, desde que obedecidos os critérios estabelecidos por esse órgão.

Em relação ao currículo, destacamos aqui a implantação dos componentes curriculares FCHG24 – Pesquisa Museológica I e FCHG25 – Pesquisa Museológica II como obrigatórios, com objetivo de analisar a metodologia do trabalho científico aplicado à Museologia. Além disso, consolidou-se o Trabalho de Conclusão, com a

obrigatoriedade de produção de uma monografia de final de curso ou projeto e relatório de ação museológica. Destaca-se ainda a criação do componente curricular FCHG39 – Museologia Contemporânea e a mudança de terminologia dos componentes FCH334 – Introdução à Museologia para Museologia. Implantou-se o componente obrigatório Estudos de Cultura Material, visando aprimorar a formação dos alunos em torno da interpretação da cultura material presente nos diversos registros constituídos ou a constituir, em acervos de instituições museológicas ou afins, relacionados à estrutura social e o seu próprio tempo histórico.

Os componentes curriculares FCH 335 Arte Decorativa e FCH 336 Arte Sacra que eram ministrados como técnicas museológicas foram deslocados da categoria de componentes obrigatórios para a condição de optativas, revelando uma visão de que o “fazer artístico” – patrimônio – era amplo, e que não tinha porque se privilegiar determinadas categorias de bens culturais através do ensino obrigatório. Além disso, mostra também um distanciamento em relação à formação de museólogos especialistas em determinadas categorias patrimoniais.

Optou-se por apresentar o componente FCH044 – Laboratório de Cultura Material Africana também como componente optativo. O componente curricular FCHG49 – Gestão Museológica foi inserido no sexto semestre visando contemplar os processos de planejamento, organização e gerenciamento museal. Criou-se ainda o componente curricular FCHG38 – História e Patrimônio na Bahia, que contempla uma discussão sobre o patrimônio cultural no contexto do Estado da Bahia (Figura 9), na qual os docentes exploram o estudo de bens culturais que, normalmente, não estão no contexto dos museus. Ainda nessa linha, assinalamos o trabalho no quadro da disciplina FCH335 – Arte Decorativa, que tem sido desenvolvida com uma abordagem de descolonização de saberes¹⁶.

¹⁶ Para mais detalhes sobre essa abordagem teórico-conceitual consultar: “Descolonizando o Olhar em Arte Decorativa: estudo da louça do cemitério Nosso Senhor dos Aflitos em Nazaré, Bahia, Brasil” de autoria de Joseania Miranda Freitas e Ritta Maria Morais Correia Mota. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/25057/24169>. Acesso em: 22 nov. 2022.



Figura 9 – Professores Joseania Freitas e Marcelo Cunha, com uma das turmas da disciplina FCHG38 – História e Patrimônio na Bahia na Igreja de São Lázaro, no bairro da Federação, Salvador, BA, 2019. Fonte: Acervo pessoal da Prof.^a Joseania Freitas.

Através das atividades complementares, viabiliza-se ao graduando a oportunidade de explorar elementos curriculares mais flexíveis, que incluem a participação em projetos, seminários e congressos como carga horária curricular, respeitando-se o Regulamento do Ensino de Graduação, art. 81º da Câmara de Ensino de Graduação/UFBA (UFBA, 2005) e Parecer CNE 776/97 que estabelece as Diretrizes Curriculares e considera que poderão ser contabilizadas diversas atividades acadêmicas, desde que acompanhadas de aprovação prévia do Colegiado e supervisão docente. Por meio das atividades complementares, pretende-se também estimular os discentes em relação à prática de apresentação de trabalhos em eventos acadêmicos.

Além disso, foram incluídos os seminários temáticos como componentes obrigatórios, viabilizando a continuidade de apresentações e discussões de temas contemporâneos e pesquisas relacionadas ou correlatas às áreas de Museologia, Patrimônio, Documentação, Conservação, Exposição e Ação Cultural.

Visando o fortalecimento da formação profissional, o Estágio Curricular Obrigatório se desdobrou em duas etapas: Estágio Curricular I e Estágio Curricular II, com carga horária de 102 horas cada (Figura 10).



Figura 10 – Alunos da disciplina FCHG50 Estágio Curricular I, atuando na área de conservação, no Museu de Arte Sacra da UFBA, 2018. Fonte: Acervo pessoal da autora.

Destacamos, ainda, a implantação dos componentes de laboratório: FCHG41 – Laboratório de Documentação, FCHG43 – Laboratório de Conservação e FCHG47 – Laboratório de Expografia. Em relação a esses componentes, vale a pena registrar que além do laboratório montado com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB¹⁷), os docentes do curso entendem que os museus e núcleos de memória da UFBA funcionam como laboratórios. Nesse sentido, esses componentes também são desenvolvidos nesses espaços, numa articulação conjunta e produtiva entre professores e técnicos vinculados a essas unidades universitárias (Figura 11). O curso também viabiliza outros espaços para os estudantes desenvolverem suas atividades de estágio, por meio de convênio com o Governo do Estado da Bahia/Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC).

¹⁷ O Programa de pós-graduação em Museologia da UFBA obteve, através do Edital FAPESB nº 10/2013, recursos para montagem dos laboratórios que são utilizados tanto pela pós-graduação como pela graduação, numa perspectiva de trabalho integrado.



Figura 11 – Alunos da disciplina FCHG50 Estágio Curricular I, desenvolvendo atividades de documentação no Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem/UFBA, 2018. Fonte: Acervo pessoal da autora.

Reforçando a perspectiva teórica de que a Museologia pode ocorrer dentro e fora das instituições museológicas, a terminologia e ementa do componente curricular Ação Cultural e Educativa com Museus foi alterada para Ação Cultural e Educativa com Patrimônios. Nesse componente curricular contempla-se ainda a análise e discussão sobre acessibilidade.

Ressaltamos ainda que, para esse currículo, foi aumentada a oferta de disciplinas optativas, disponibilizadas tanto pelo Departamento de Museologia quanto por outros departamentos da UFBA, favorecendo, assim, a autonomia dos estudantes em relação ao seu processo de formação e capacitação.

Atualmente, o curso conta com oito docentes permanentes¹⁸, com graduação em museologia. Cinco professores realizaram estágio pós doutoral e três têm o doutorado completo. No momento, o curso dispõe de uma docente substituta no seu quadro funcional, com graduação em museologia e mestrado completos. O Colegiado e o Departamento contam com uma servidora para os trabalhos de apoio administrativo. O curso dispõe de uma sala para a administração do Colegiado, uma sala para o Departamento e as salas de aulas dos pavilhões Raul Seixas e São Lázaro

¹⁸ No ano de 2022, o Departamento aprovou, por meio de concurso público, mais uma docente para o curso. Está em andamento o processo de contratação.

da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Os alunos utilizam a biblioteca Isaías Alves, localizada no prédio da FFCH, responsável também pela manutenção dos títulos museológicos. A biblioteca do Museu de Arte Sacra da UFBA também é utilizada pelos discentes do curso. A FFCH disponibiliza para os alunos dessa unidade uma sala de informática.

Durante anos, o curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia foi o único das regiões Norte e Nordeste do Brasil¹⁹. Os seus desafios ainda são muitos para continuar mantendo a qualidade da sua formação, reconhecida pela titulação e participação dos docentes em atividades acadêmicas no Brasil e no exterior, pelos convênios com universidades estrangeiras e pelas publicações do seu corpo docente²⁰. De maneira geral, enfrentamos os problemas das universidades públicas brasileiras, ou seja, a falta de uma política contínua de recursos adequados para o desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão, que coloca em risco o funcionamento da rede federal da educação no Brasil, comprometendo muitas vezes, o pagamento de despesas básicas como energia elétrica, água, serviços terceirizados de limpeza e segurança, manutenção da estrutura e de equipamentos, bolsas e auxílios estudantis, etc.

Entretanto, a principal dificuldade do curso é o número reduzido de docentes no Departamento de Museologia²¹. Os professores do curso, além das atividades de ensino, pesquisa e extensão, são também responsáveis pelos cargos de gestão, e participam do Programa de Pós-Graduação em Museologia da UFBA, atuando como docentes dos componentes e orientando as pesquisas dos mestrandos. Mesmo assim, o Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso já iniciou um processo de avaliação, no ano de 2022, que tem como objetivo subsidiar uma nova reforma de currículo que, muitas vezes, fica limitada do ponto de vista da inserção de novos componentes e atividades museológicas por falta de professores. Nesse sentido, frequentemente constatamos, a partir das discussões nos órgãos colegiados, que alguns projetos são preteridos por não dispormos de um corpo docente mais amplo.

¹⁹ Na década de 2000, foram implantados cursos de Museologia nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, nas seguintes universidades: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) em 2006; Universidade Federal de Sergipe (UFSE) em 2007; Universidade Federal do Pará (UFPA) em 2009; Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 2009.

²⁰ Atualmente, o curso possui convênios com as seguintes universidades: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Universidade de Coimbra e Université de Toulouse.

²¹ Esclarecemos que o curso possui disciplinas de várias áreas como História, Antropologia, Sociologia, Filosofia, História da Arte, Comunicação e Educação. Essas disciplinas são ministradas por docentes lotados nos respectivos departamentos.

Atualmente, as discussões no âmbito do Núcleo Docente Estruturante caminham no sentido de propor um novo currículo de caráter mais inclusivo para o curso de Museologia. Portanto, esse órgão considera como referência para a construção de uma nova proposta curricular o perfil dos alunos que ingressam no curso. De maneira genérica, trata-se de estudantes oriundos de escolas públicas, que trabalham e apresentam limitações com relação à leitura, interpretação e produção de textos científicos. Objetiva-se, assim, avançar e aprofundar a tendência de um currículo científico, investindo na qualidade da formação dos discentes. Ademais, pretende-se ampliar a discussão sobre o patrimônio e a proteção ambiental, os direitos humanos e a inclusão no sentido mais amplo, ou seja, contemplando também aqueles que são privados dos direitos na sociedade de maneira geral, mantendo-se, portanto, a tradição do curso, construída ao longo da sua história, de uma Museologia de cunho mais social. Ou seja, além de discutir sobre o patrimônio daqueles que, muitas vezes, não têm voz na sociedade, chegou o momento de inserir e acolher essas pessoas para que elas próprias possam também estudar e falar sobre os bens culturais que as representam de forma qualificada.

Verifica-se ainda o desafio constante de, assim como em outros cursos da área de Ciências Humanas, demonstrar que eles são importantes para a sociedade, e que os profissionais formados precisam participar e atuar mais nas instituições para contribuírem com a construção de uma sociedade plural e democrática. No caso específico da Museologia, como dizia Rodrigo Melo Franco de Andrade, uma sociedade que concebe e pratica a ideia de progresso às custas da destruição das suas referências culturais não é verdadeiramente desenvolvida. Precisamos continuar avançando na construção de um novo formato de desenvolvimento. Um desenvolvimento que prima pela participação das pessoas, pela compreensão dos bens culturais e, sobretudo, pela proteção e valorização do nosso patrimônio natural, material e imaterial. Nesse sentido, a atuação do profissional museólogo é fundamental, e não somente nas instituições convencionais, ou seja, os museus²². Dessa forma, corroboramos com Hermet (2002, p.20-21) na sua discussão sobre cultura e desenvolvimento quando considera que:

O desenvolvimento é o processo de mudança em virtude do qual uma coletividade tem acesso em conjunto a um bem-estar maior, chegando a extrair de seu próprio meio, à custa de uma abertura ao exterior, todos os recursos que contém e que permaneciam até então

²² Sobre essa questão sugerimos a leitura do seguinte texto: Teixeira, S. S. Patrimonialização: silêncios e escuta museológica. *Cadernos De Sociomuseologia*, v.53, n.9, 2017. DOI: <https://doi.org/10.36572/csm.2017.vol.53.04>.

pouco utilizados ou sem explorar. Esses recursos lhes permite realizar-se mais, através de uma espécie de auto-revelação e de mobilização, não só de suas potencialidades subjacentes, como também de capacidades inéditas surgidas de uma mutação das ditas potencialidades. Este processo evoca a imagem botânica de uma germinação endógena associada normalmente a uma hibridação exógena. (HERMET, 2002, p.20-21)

Trata-se, portanto, de um tipo de desenvolvimento que contempla a participação e a cidadania. Nesse caso, o patrimônio e a Museologia são estratégicos para a construção de políticas democráticas de desenvolvimento integrado. A necessidade de implementação de políticas públicas mais eficazes e ousadas que garantam a integração entre educação e cultura, a garantia de expressão e manifestação das diversas identidades e a criação de condições administrativas e financeiras para o funcionamento de instituições museais comprometidas com o público e com a qualidade dos serviços prestados à sociedade são alguns dos desafios que ainda persistem na área museológica, de maneira geral.

Considerações finais

O curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia apresenta uma formação dinâmica. Em 53 anos de existência, foram operacionalizadas quatro reformas curriculares e a quinta está em processo de construção. Isso revela uma média em torno de treze anos com cada currículo. Verifica-se ainda que as mudanças curriculares foram baseadas em processos avaliativos e participativos, demonstrando que há uma preocupação dos docentes em relação à atualização dos conteúdos nesse campo.

A análise dos currículos mostra que caminhamos de uma perspectiva museológica técnica, na qual a Museologia era vista como um conjunto de técnicas auxiliares de outras ciências, para, num segundo momento, uma Museologia teórico-prática, de cunho social, influenciada pelo movimento da Nova Museologia e, finalmente, uma Museologia como ciência social. Constata-se que os processos de mudança curricular estavam articulados aos avanços dos conhecimentos museológicos.

Além disso, verifica-se a presença de uma abordagem sobre o patrimônio cultural, dentro e fora dos museus, de tendência cada vez mais sintonizada com o estudo das nossas especificidades regionais, e a necessidade de reflexão sobre o desenvolvimento de modelos epistemológicos condizentes com a nossa história.

Trata-se de um curso cuja principal dificuldade é o número reduzido de docentes no seu quadro funcional. Isso compromete o desenvolvimento de mais projetos que poderiam também contribuir, de forma mais dinâmica e participativa, com a proteção e valorização do patrimônio cultural brasileiro.

As reflexões museológicas contemporâneas, presentes no currículo do curso de Museologia da UFBA, podem contribuir para a construção e operacionalização de uma nova forma de desenvolvimento. Ou seja, um desenvolvimento que integra e valoriza o homem a partir da sua memória e do seu patrimônio natural e cultural.

Por fim, e voltando ao começo desse texto, podemos considerar a partir da análise desenvolvida que a distinção entre história e memória, o aprofundamento da democracia e a criação de perspectivas para o futuro estiveram presentes no curso de Museologia da UFBA desde o currículo de 1989, numa linha progressiva, na busca pela formação de profissionais comprometidos socialmente.

Referências

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *O Patrimônio Histórico e Artístico e a Missão da Universidade*. [S. l.]: IPHAN, 1963.

BOLETIM Informativo do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/UFBA). *Edição 30 anos do MAE/UFBA*. [s. n.] Salvador: UFBA, 2013. p.3. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/18509/1/Ed6.Ago2013-Jan2014_Boletim_Informativo_MAE-UFBA.pdf. Acesso em: 15 jun. 2022.

BRASIL. *Lei nº7.287, de 18 de dezembro de 1984*. Dispõe sobre a Regulamentação da Profissão de Museólogo. Diário Oficial da União: 19 de dezembro de 1984. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7287.htm. Acesso em: 2 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parecer CNE/CES 492/2001, de 03 de abril de 2001*. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. DF: Diário Oficial da União de 9/7/2001, Seção 1e, p. 50. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>. Acesso em 2 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Parecer nº 971/69, de 7 de setembro de 1969*. Parecer da Comissão Central de Revisão de Currículos Mínimos dos cursos de Bacharelado em Museologia. Fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observados na organização dos cursos de Museologia. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Conselho Federal de Educação, Ministério da Educação e Cultura, Brasília, DF, 1969. Separatanº 33, p. 132.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Resolução nº 14, de 27 de fevereiro de 1970*. [S. l.]: Ministério da Educação e Cultura, 1970. (Fixa os mínimos de conteúdo e duração dos Cursos de Museologia).

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Edital nº 4, de 10 de dezembro de 1997*. Convoca as Instituições de Ensino Superior a apresentar propostas para as novas Diretrizes Curriculares dos cursos superiores, que serão elaboradas pelas Comissões de Especialistas da Sesu/MEC. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/e04.pdf>. Acesso em 30 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Parecer 776/97, de 3 de dezembro de 1997*. Orientação para as diretrizes curriculares dos cursos de graduação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1997. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=154121-pces776-97&category_slug=agosto-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em 30 jul. 2022.

BRASIL. Poder Executivo. *Decreto nº 83.327, de 16 de Abril de 1979*. Concede reconhecimento ao curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia, com sede na cidade de Salvador, Estado da Bahia. Diário Oficial da União - Seção 1 - 17/4/1979, Página 5362 (Publicação Original). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-83327-16-abril-1979-432698-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 30 jul. 2022.

BRASIL. *Resolução CNE/CES 21, de 13 de março de 2002*. Estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de Museologia. Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Superior. Brasília: Diário Oficial da União, 9 de abril de 2002. Seção 1, p. 34. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES212002.pdf>. Acesso em 2 ago. 2022.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira; ARAÚJO, Marcelo Mattos; COUTINHO, Maria Inês Lopes. *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010.

CHUVA, Márcia. *Os Arquitetos da Memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

COSTA, Heloísa Helena. Formação em Museologia – o caso da Bahia. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v.41, p.239-253, 2009. Disponível em: <https://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/issue/view/51/Anais%20do%20Museu%20Hist%C3%B3rico%20Nacional%2C%20v.%2041%2C%20ano%202009>. Acesso em: 14 jun. 2022.

COSTA, Luciana Ferreira da. Institucionalização e a configuração atual da Formação em Museologia no Brasil. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.25, número 3, p.145-163, set/2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/25509/19916>. Acesso em: 02 ago. 2022.

DOSSIÊ histórico-funcional. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Arquivo). UFBA, 1970, 1974, 1980, 1982.

FRANCE CULTURE. *Les trois rôles de l'intellectuel par François Dosse*. Youtube: France Culture, 2018. 1 vídeo (3 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oQnNUUScpNM>. Acesso em: 4 jul. 2022.

FREITAS, Joseania Miranda; MOTA, Ritta Maria Morais Correia. Descolonizando o Olhar em Arte Decorativa: estudo da louça do cemitério Nosso Senhor dos Aflitos em Nazaré, Bahia, Brasil. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v.8, n.16, p.125-136, Ago/Dez, 2019. Brasília: UNB, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/25057/24169>. Acesso em 2 ago. 2022.

GÓIS, Ana. *Antiga Faculdade de Medicina da Bahia*. [S.l.] 2012. Disponível em: <http://maisdesalvador.blogspot.com/2012/04/faculdade-de-medicina.html>. Acesso em: 27 jul. 2022.

HERMET, Guy. *Cultura e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

ISOLAN, Fiorela. *A formação em Museologia nas universidades brasileiras: reflexões sobre o ensino da gestão e do planejamento sob a ótica da Museologia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-17102017-110303/publico/FiorelaBugattiREVISADA.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2022.

MULHERES em movimento [Catálogo da exposição]. Escola de Belas Artes da UFBA/Galeria Cañizares. Salvador: UFBA, 2007.

MUSEU de Arte Sacra da UFBA (Salvador). [figura] Wikimapia.org, 2022. [S. l.: s. n]. Disponível em: <http://wikimapia.org/2009622/pt/Museu-de-Arte-Sacra-da-UFBA>. Acesso em: 14 jun. 2022.

OLIVEIRA, Iraci. *A trajetória do curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia (1969-2010)*. 2019. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32357>. Acesso em: 10 jun. 2022.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

RIOS, Antônio Oliveira. Breve histórico do curso de Museologia da UFBA. [folder] In: TEIXEIRA, Sidélia. *Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia*. Salvador, 1997.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. *Encontros museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu*. Rio de Janeiro: Minc/IPHAN/DEMU, 2008. (Coleção Museu, Memória e Cidadania, v.4).

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Formação em Museologia no Brasil e as conquistas da sociedade democrática: o curso de Museologia da Universidade federal da Bahia. *Museologia e Interdisciplinaridade*, Brasília-DF, v.8, n.16, p.258-275, 2019.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Paulo Freire, docência em museologia e os museus: um caminhar de descobertas, aprendizagem e amorosidade. *Cadernos de Sociomuseologia*, [S. l.], v.63, n.19, p.39-59, 2022. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/8291>. Acesso em: 5 jul. 2022.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. *Repensando a ação cultural educativa dos museus*. 2. ed. ampliada. Salvador: Edufba, 1993.

SIMÕES, Ruy. *A Faculdade de Filosofia e sua identidade perdida*. Salvador: Edufba, 1990.

TEIXEIRA, Sidélia. Patrimonialização: silêncios e escuta museológica. *Cadernos de Sociomuseologia*, v.53, n.9, p.81-104, 2017. DOI: <https://doi.org/10.36572/csm.2017.vol.53.04>.

UFBA. *Grade curricular 1970, 1979, 1989, 2007 e 2011*. Colegiado do Curso de Graduação em Museologia (Arquivo digital). Sistema Acadêmico (SiacWeb), 2022.

UFBA. *Mapeamento Cultural UFBA*. Disponível em: <https://mapeamentocultural.ufba.br/escolas-cursos-arte/faculdade-de-filosofia-e-ciencias-humanas>. Acesso em: 13 jun. 2022.

UFBA. *Ofício nº 11/98 do Departamento e Colegiado do Curso de Museologia para a Pró-Reitoria de Graduação da UFBA*. (Arquivo).

UFBA. *Projeto Pedagógico FFCH*. Salvador: Colegiado do Curso de Museologia, 2010. (Arquivo).

UFBA. *Programas e ementas da disciplina de Técnica de Museu III*. Salvador: Colegiado do Curso de Museologia, 2022. (Arquivo).

UFBA. *Programas e ementas da disciplina de Ação Cultural e Educativa com Museus*. Salvador: Colegiado do Curso de Museologia, 2022. (Arquivo).

UFBA. *Programas e ementas da disciplina de Ação Cultural e Educativa com museus e patrimônios*. Salvador: Colegiado do Curso de Museologia, 2022. (Arquivo).

UFBA. *Programas e ementas da disciplina de Introdução à Museologia*. Colegiado do Curso de Museologia, 2022. (Arquivo).

UFBA. *Proposta de reforma do currículo do curso de graduação em museologia*. Salvador: Colegiado do Curso de Museologia, 1996. Proposta inicial elaborada pela comissão designada pelo Colegiado do Curso de Museologia, composta pelas professoras Maria Célia T. Moura Santos e Rosana Nascimento. Colegiado do Curso de Museologia, 1996. (Arquivo).

UFBA. *Regulamento do Ensino de Graduação*. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão; Câmara de Ensino de Graduação. Salvador: UFBA, 2005. Disponível em:

https://www.ufba.br/sites/portal.ufba.br/files/REG_rev_out_091_res_09_12_2.pdf. Acesso em 3 ago. 2022.

UFBA. *Uma política cultural para a UFBA*. Salvador: Comissão de Trabalho de Política Cultural, 1995. Salvador: UFBA, 1995. (Arquivo).

Data de recebimento: 08.08.2022

Data de aceite: 17.09.2022